

ENSINO DE ARTE: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE

Naiara de Castro Lopes¹

Thalita Lima de Oliveira²

Maria da Natividade Ramalho Borba³

Resumo: O presente trabalho faz parte da pesquisa do Mestrado em Educação intitulada “Ensino de Artes no Colégio de Aplicação João XXIII”, em que se pretende discutir o papel da Arte, assim como seu ensino e percurso no interior desta instituição. A primeira etapa deste trabalho é a pesquisa documental, a qual foi submetida como Projeto de Pesquisa modalidade PROBIC Jr à Pró-Reitoria de Pesquisa ProPesq/UFJF. Desta forma, a pesquisa documental do trabalho de Mestrado tornou-se um projeto de Iniciação Científica Júnior, que traz seu primeiro resultado parcial. Neste artigo, escrito em forma dramatúrgica, está sendo focalizado um recorte de sete anos dentro dos quarenta e oito que o Colégio já trilhou, misturado às memórias pessoais das três autoras. No Arquivo do Colégio, a análise foi iniciada por uma série de relatórios anuais referentes aos anos de 1978 a

¹ Estudante do Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII. Bolsista do PIBIC-Júnior “Ensino de Artes no Colégio de Aplicação João XXIII”.

Contato: naiaracastrodesign@gmail.com

² Estudante do Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII. Bolsista do PIBICI-Júnior “Ensino de Artes no Colégio de Aplicação João XXIII”.

Contato: thalitalima0@gmail.com

³ Professora de Artes do Ensino Fundamental e Médio do Colégio de Aplicação João XXIII da UFJF. Contato: nati.borba.til@gmail.com

1984. A Educação Artística não constava oficialmente na grade curricular de 5ª a 8ª séries, o que não significou a ausência da arte na formação dos alunos e alunas daquele segmento. Assumindo a perspectiva foucaultiana, o que significa pensar o ensino de Arte relacionado à constituição dos sujeitos, busca-se a presença permanente da arte na vida escolar, presença esta que se dava de forma transversal e como recurso pedagógico em algumas disciplinas e dentro de eventos e projetos realizados pelo/no Colégio, num convite a colocar em suspeita as potencialidades e desafios da arte fora da disciplina Artes, e suas articulações com a História, a Memória e os Processos de Subjetivação.

Palavras-chave: Ensino de Arte; História; Memória; Subjetividade.

Abstract: The content of this article is part of a Master degree research in Education in which it is intended to discuss the role of art as well as teaching and its course within the “Colégio de Aplicação João XXIII”. The first part of this assignment is a research of documents which was submitted as a Research Project “PROBIC JUNIOR” to Dean’s Office of Research PROPEQ / UFJF. Thus, this investigation became a Junior Scientific Initiation Project as its first partial result. Written in a dramaturgical form, this article reveal a period of seven years, within the forty-eight years that the School has trodden, combined with personal memoirs of three authors. The analysis started from a series of annual reports, from 1978 to 1984. However, Art Education was not included in the official curriculum of the students from the 5th to 8th grades which does not mean that the art teaching was not present on the education of boys and girls of these grades. Through an application of Foucauldian notions of power, relating art teaching to processes of subject constitution, we attempt to identify art as a permanent activity in school life which was given across the board as a pedagogical use of learning in certain disciplines as well inside events and projects developed in the same school. Accordingly, this is an invitation to set under suspicion the potentials and challenges of art as itself away from Art teaching, linkages with History, Memories and Processes of Subjectivation.

Keywords: Art Teaching, History, Memory, Subjectivity.

Abrindo as cortinas⁴

TODAS: Este texto é escrito a seis mãos. Somos as três personagens desta história, três mulheres atravessadas por inúmeros encontros, acertos, desacertos, histórias e memórias relacionadas ao Colégio de Aplicação João XXIII. Nati: Professora de Artes, ex-aluna da década de 1980, anos por nós pesquisados. Naiara: Aluna do 3º ano do Ensino Médio, quer ser professora de Artes. Thalita: Aluna do 2º ano do Ensino Médio, deseja ser investigadora. Todas muito interessadas pelo Colégio e por suas histórias antigas e as de hoje em dia. Unidas no objetivo de tentar recontá-las, percebemo-nos como parte da história do Colégio, e descobrimos o Colégio como parte importante das nossas próprias histórias.

Professor pável, o início de tudo

NATI: Início a apresentação, recuperando fragmentos de memória, poeiras suspensas que se agitaram aos ventos de uma pesquisa que começa a se delinear. Atravessamentos que se revelaram entre a minha experiência com o Ensino de Artes e o meu processo de subjetivação. Memória, Experiência, Subjetivação. Três categorias de análise que dialogam neste artigo, uma vez que trabalhar com o conceito de Experiência, segundo Foucault (2010), significa pensar os processos de dessubjetivação que estão implicados nos modos como nos tornamos sujeitos e que faz com que as memórias, aquilo que sou capaz de lembrar e esquecer

⁴ Optamos por escrever o texto na forma dramática, por ser este artigo fruto dos diálogos que travamos, entre nós e com os documentos, e dos nossos monólogos durante os encontros no Arquivo do Colégio de Aplicação João XXIII.

estejam em meio a esses processos de constituição de mim mesma como professora de Artes.

Início de 1983. João XXIII: “Este ano vamos ter aula com o tal professor Pável!” “Será que ele é mesmo tão especial como falam?” “É... O que ele tem de mais?” “Todo mundo comenta suas aulas! Dizem que alguns alunos até levitam!” “?”

Meados de 1983. João XXIII: “Hoje eu li a mente do Professor Pável na aula!” “Como assim, Nati?” “Li, ué! Ele me pediu uma tesoura emprestada, quando a entregava com a lâmina virada pra ele, ele olhou fundo nos meus olhos e eu entendi. Então virei a tesoura e entreguei. Ele me agradeceu com um sorriso.” “Ih!...”

Meados de 1983. Casa: “Amanhã você vai precisar chegar no Colégio no segundo horário...” “Não, mãe! Amanhã é quinta! A primeira aula é do Pável!”

1984. João XXIII: “Eu quero que vocês vão à merda! Merda com todas as letras! M, E, R, D, A!” “O que deu no Professor Pável?” “Acho que a gente pegou pesado na conversa hoje...” “É. Aula de Desenho Geométrico, e aqui na sala não combina muito com ele.” “As aulas de Educação Artística no salão ano passado eram MUITO mais legais!”

Fins dos anos 1980, descendo o calçadão da rua Halfeld: “Oi, Professor Pável! Sinto muitas saudades das suas aulas! São algumas das minhas melhores lembranças do João XXIII!” “Também sinto saudades daquele tempo!”

Início de 1995, subindo o calçadão da rua Halfeld: “Professor Pável! Quantos anos!” “Oi, Nati! Me diga uma coisa. A que você está concorrendo?” “Como você sabe que estou concorrendo a alguma coisa?” “!” “Eu estou concorrendo a uma vaga de professor de Educação Artística no João XXIII.” “Você vai passar...”

1996. João XXIII: “Nati, o Pável morreu.”

2006. João XXIII: “Vamos fazer neste espaço uma galeria de Arte, Vê! Será muito legal o colégio ter uma!” “Muito boa idéia” “E vai chamar ‘Professor Édson Pável Bastos’!” “É, Nati, o Pável nos ensinou muito mais do que Educação Artística! Ele ensinou a gente... a ser gente!”

2012. Casa, à noite: “Ai meu Deus! Não sei mais se é esse o meu tema de pesquisa para o Mestrado!” “?” “A Carol falou que o anteprojeto que eu tinha escrito no ano passado sobre o teatro é muito melhor que este sobre o Ensino de Arte do João XXIII!” “Não pensa nisso agora. Dorme.”

2012. Casa, na manhã seguinte: “Sonhei a noite inteira com o Professor Pável...” “Como foi o sonho?” “Não me lembro, mas acordei com a sensação que meu tema de pesquisa deve mesmo ser o Ensino de Artes do João XXIII, e que eu vou ser aprovada na seleção do Mestrado.”

Enfim, são fragmentos de memórias que me constituem e que dizem do Ensino de Arte e a construção de significados que conduziram a escolha profissional e a formação docente. A partir destes fragmentos quero destacar o foco deste artigo que é meu reencontro com o percurso percorrido pela arte nos períodos em que fui aluna e a partir de quando me tornei professora desta instituição, que nos últimos dez anos coincide com o período em que as duas bolsistas são alunas do Colégio, o que permitiu refletir sobre os processos de subjetivação que nos constituíram e continuam a nos constituir.

Trazendo o tema

NATI: O presente trabalho faz parte da pesquisa do Mestrado em Educação intitulada “Ensino de Artes no Colégio de Aplicação João XXIII”, em que pretendo discutir o papel da arte, assim como seu ensino e percurso no interior desta instituição. A

primeira etapa deste trabalho é a pesquisa documental, a qual submeti como Projeto de Pesquisa modalidade PROBIC Jr à Pró-Reitoria de Pesquisa ProPesq/UFJF. Desta forma, a pesquisa documental do trabalho de Mestrado tornou-se um projeto de Iniciação Científica Júnior. Neste artigo focalizamos o primeiro passo dado na pesquisa documental, a análise de um recorte de sete anos dentro dos quarenta e oito que o Colégio já trilhou. Hernández (2000, p. 60) destaca a importância do conhecimento da história de uma disciplina para melhor compreender seu movimento, sua relevância e sua atualidade.

Para ir adiante no conhecimento de uma matéria curricular, é indispensável conhecer sua história, o que ela é na verdade, o papel que tem desempenhado no currículo escolar, as diferentes versões que foi adotando em relação às mudanças sociais, às concepções disciplinares e a função que, em cada época, lhe foi outorgada pela educação obrigatória.

Assim, iniciamos a pesquisa visitando o Arquivo do Colégio de Aplicação João XXIII, certas de sua potencialidade para nos fornecer dados sobre o percurso das Artes dentro deste Colégio.

Conhecendo o cenário

TODAS: O Colégio foi criado no ano de 1965, dentro da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora, entidade particular, que em 1966 foi incorporada à Universidade Federal de Juiz de Fora, resultando na federalização do mesmo. A primeira turma foi de 1ª série ginásial, com 23 alunos. O colégio recebeu o nome de “Ginásio de Aplicação João XXIII”. Com o acréscimo de uma série escolar a cada ano, em 1969 o colégio já oferecia o Curso Ginásial completo.

Neste mesmo ano, pela Resolução número 09/69 do Conselho Universitário da UFJF, em consequência da Reforma Universitária, foi extinta a Faculdade de Filosofia e Letras e foram fundados os Institutos Básicos e a Faculdade de Educação, da qual o colégio passou a fazer parte. Em 1989, através da Portaria número 584, o Colégio desvinculou-se da Faculdade de Educação e ligou-se administrativamente à Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa, atual Pró-Reitoria de Graduação, e finalmente no ano de 1998 tornou-se Unidade Acadêmica da UFJF⁵.

Na primeira visita ao Arquivo, deparamo-nos com um vasto material composto de pastas numeradas, ordenadas cronologicamente, com etiquetas “Arquivo Morto”, referentes aos anos 1972 a 2012. Não encontramos documentos anteriores a 1972. Quase escondidos entre as pastas, empilhados, alguns aqui, outros lá, de repente reluziram nas prateleiras os relatórios anuais feitos pela ex-diretora Lucy Maria Brandão. Imediatamente nós três nos focamos em procurar todos os exemplares. Encontramos documentos referentes aos anos de 1978 a 1987. Escolhemos para iniciar o trabalho, consultar estes relatórios, por estarem eles organizados de uma forma interessante, encadernados em capa dura e verde, e escrita dourada, bem mais atraentes que as pastas de polionda, além do desejo de uma de nós, em visitar a arte nos seus tempos de aluna.

Os relatórios se apresentam no formato de uma prestação de contas, organizados entre os anos de 1978 a 1982 por itens constantes de realizações atribuídas ao Colégio de uma forma geral, e a partir de 1983, organizados por Departamento e por realizações individuais de cada professor e professora. Os relatórios eram endereçados à Direção da Faculdade de Educação/UFJF, unidade à qual pertencia o Colégio. Junto aos relatórios, em todos os anos,

⁵ Estas informações foram retiradas da Agenda Escolar do Colégio, do item intitulado “Histórico”, referente ao ano letivo de 2013.

estão arquivadas cartas de agradecimento da Direção da Faculdade de Educação ao Colégio de Aplicação, contendo inúmeros elogios ao trabalho realizado pelo/no Colégio. Atualmente estes relatórios encontram-se encadernados junto a outros documentos do mesmo ano, circulares endereçadas aos alunos e alunas, aos pais e aos professores e professoras do Colégio, e anexos contendo fotos dos eventos e publicações. Foram encontrados volumes únicos dos anos 1978; 1979; 1982; 1983; 1984 e 1986. O ano de 1980 contém quatro volumes, sendo que o volume II não foi encontrado. Os anos de 1981 e 1987 contêm dois volumes cada e o ano de 1985 contém três volumes. Relatórios que constituem a história da disciplina Arte no colégio no seu caráter de descontinuidade, algo que nos aproxima da perspectiva de História de Foucault.

A história aparece, então, na obra de Foucault de duas maneiras: como objeto de descrição e como questão metodológica. Na realidade, esses dois aspectos estão tão entrelaçados em uma relação que falar de história, em Foucault, é falar do sujeito e, vice-versa, falar do sujeito é falar da história. As histórias de Foucault são, assim, histórias das práticas que constituíram historicamente a subjetividade ocidental. (CASTRO, 2009, p.204)

Tomando como inspiração a citação acima, queremos tomar os relatórios como espaços de descrição que nos possibilitam pensar as condições de emergências das ações entendidas como próprias da Educação Artística num momento histórico em que ela era exigida apenas como atividade educativa e não como disciplina curricular. Neste sentido, os relatórios nos convidam a pensar como as atividades atravessavam a prática de diferentes professores, o que nos possibilita dizer da arte enquanto recurso pedagógico. Por outro lado, tais distribuições nos colocam o desafio de problematizar a formação destes docentes no campo das Artes, o que nos leva a

colocar sob suspeita as concepções de arte que organizavam suas intervenções, assumindo um sentido cívico, comemorativo, decorativo, enfim, algo que se distancia de uma ação que diz das constituições dos alunos como sujeitos críticos. Trabalhar com os relatórios também se constitui como um método de investigação, considerando que dizer da História da disciplina de Arte no Colégio de Aplicação João XXIII diz da visão da História, da Arte e do Ensino de Arte como construção.

Meu caminho até a cena

NATI: A motivação para a pesquisa de Mestrado é fruto da minha trajetória profissional. Desde 1995 sou professora do Colégio de Aplicação João XXIII. Iniciei como professora de Educação Artística, atividade curricular que, com o advento da Lei 9394/96⁶, passou a ser a disciplina Artes. Há 18 anos sinto, reflito, repenso, desisto, insisto, leio, escrevo e interpreto papéis da área artística na vida escolar, atravessada por inúmeros contextos, pessoas, histórias, memórias, concepções, decepções. Mas sempre entendendo o Ensino de Artes como um componente curricular fundamental para a compreensão da nossa cultura, de quem somos, de como pensamos e sentimos, pois,

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de

⁶ A LDB 9394/96, sancionada em 20 de dezembro de 1996, institui em seu artigo 26, parágrafo 2º a obrigatoriedade da disciplina Artes no currículo escolar em todos os níveis da Escola Básica. Esta lei substituiu a LDB 5692/71 que instituiu a Educação Artística como obrigatória, porém esta não era considerada disciplina, apenas mera atividade educativa.

vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica [...] que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais (BARBOSA, 1998, p. 16).

Mas minha formação básica e também a universitária, principalmente nas matérias especificamente artísticas, foram de caráter elitista e de forte inclinação eurocêntrica, relegando a um papel secundário os estudos da cultura local e da cultura dos povos historicamente subalternizados. Não tive consciência desde o início, da posição “colonizada” do Brasil em relação ao seu Ensino de Artes. Foi a partir do contato com a obra de Ana Mae Barbosa que comecei a me atentar para isto.

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norteamericano. (BARBOSA, 1998, p. 13).

Mas foi a leitura de Tomaz Tadeu da Silva (2009) que alargou ainda mais minha visão a este respeito, permitindo-me conhecer as teorizações sobre questões e concepções que já estavam presentes em minhas reflexões. Eu já vinha questionando, por exemplo, a presença maciça, senão unânime, de artistas europeus em coleções do tipo “Mestres da Pintura”, e em se tratando de Arte Moderna e Contemporânea, a predominância também de artistas estadunidenses. Já vinha me dando conta da minha ignorância, por exemplo, em relação à cultura africana, à cultura oriental, ou mesmo

à cultura brasileira. Já vinha me perguntando sobre o por que de serem mencionadas tão poucas artistas mulheres na História da Arte. Desta forma, identifiquei-me fortemente com as teorias pós-críticas de estudos do currículo, encontrando fundamentação para estes questionamentos que eu vinha travando com a minha formação e com a minha prática. As teorias curriculares pós-críticas são aquelas que ampliam as perspectivas críticas, em que o poder é descentralizado das questões de classe social e estendido a processos de dominação em relação à raça, à etnia, ao gênero e à sexualidade, e “continuam a enfatizar que o currículo não pode ser compreendido sem uma análise das relações de poder nas quais ele está envolvido” (SILVA, 2009, p. 148).

Iniciei então pretendendo discutir o Currículo de Arte do Colégio, atrelado à constituição dos sujeitos nossos alunos e alunas. Que conteúdos estamos privilegiando no Ensino de Arte do C. A. João XXIII? Que sujeitos estamos contribuindo para formar nas escolhas que fazemos para nossos currículos? Que papéis a arte tem exercido no cotidiano escolar?

É chegado o momento de dar um passo atrás, olhar-me e olhar o Colégio de fora, de forma perspectivada, para ter condições de problematizar seu Ensino de Artes e a minha própria prática.

Mas dar um passo atrás não é meramente buscar conhecimento profundo ou uma episteme. Dar um passo atrás é, ao mesmo tempo, uma liberdade para Foucault. É a liberdade de separar-se do que se faz, é o movimento pelo qual alguém se separa do que faz, de forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema. (PETERS, BESLEY, 2008. p.31)

Mas como isto é possível? Como separar-me do Colégio e da minha condição de professora? Como distanciar-me de mim e de minha própria história?

Eu, aluna. Eu, professora

NATI: Estudei no C. A. João XXIII de 5^a a 8^a séries, entre 1981 e 1984. Quando fui aluna, não havia Educação Artística no meu currículo. Lembro-me apenas de umas oficinas de técnicas artísticas, que não me recordo se eram obrigatórias, que aconteceram em contraturno na 6^a série, e na 7^a série da experiência marcante com o professor Edson Pável Bastos, que dava aulas de Educação Artística no horário de Desenho Geométrico. Para a realização de um projeto, o professor firmou na época um acordo com a Direção do colégio, no qual ele se comprometia a cumprir os programas de Desenho Geométrico da 7^a e da 8^a séries durante apenas a 8^a.

NAIARA: Então você teve aula de Educação Artística, sim!

NATI: Na 7^a série o professor e todos nós chamávamos aquelas aulas de aulas de Educação Artística, mas o que vinha no boletim era Desenho Geométrico. Esta informação não consta nos documentos oficiais do Colégio, aos quais até o momento tivemos acesso, mas é uma recordação de meu primeiro dia de aula com o Pável, lembrança do momento em que ele explicou o projeto à turma. Em 1983, aluna da 7^a série C, tive a oportunidade de participar das aulas de Educação Artística que marcaram toda uma geração de estudantes. Depois que ele se aposentou as aulas da 7^a série voltaram a ser de Desenho.

As maiores recordações das aulas do Pável, no entanto, não são da categoria do material. Não tenho tantas lembranças das atividades artísticas em si. Sei que usei carvão, giz de cera, fazíamos exercícios de corpo, sentávamos em roda no chão pra conversar... Mas as memórias que agora transbordam de mim são bem mais

emocionais, sensoriais, subjetivas. Outra experiência artística extremamente relevante que vivi no Colégio foi durante 1982 e 1983, nas aulas de Língua Portuguesa na 6ª e 7ª séries, em que a professora Neusa Salim Miranda desenvolvia um projeto intitulado “Oficina Literária”, onde produzíamos inúmeros trabalhos artísticos vinculados aos estudos de obras literárias. Fazíamos desenhos, pinturas, bonecos, objetos variados, encenávamos peças, criávamos jornais. Além disto tínhamos o “Caderno de Criatividade”, no qual fazíamos uma atividade semanal livre para ser entregue à professora. Era o caderno preferido de grande parte dos alunos e alunas, onde podíamos pôr um pouco da nossa cara. Ainda tenho guardado um dos meus. São raízes do meu gosto pela literatura, pela poesia, pelo teatro, pelas artes visuais. Lembranças de descobertas vindas do fazer artístico que continuam a me constituir.

As aulas destes dois professores foram certamente fundamentais no meu processo de subjetivação, ajudaram-me a me constituir como admiradora das artes, como artista e anos depois como professora de Arte.

THALITA: Mas você tinha falado sobre os eventos que o Colégio fazia...

NATI: É. Além das experiências vividas dentro da sala de aula, outras formas de encontrar com a arte eram convocadas dentro de eventos que o Colégio promovia. Recordo-me de participar de atividades artísticas fora das grades do tempo escolar, quando trabalhávamos em grupo, professores e professoras das diversas áreas, funcionários e funcionárias participando junto com o alunado da confecção de bandeiras, de cartazes, de cenários de teatro, ou de carros alegóricos; dependendo do que iria se celebrar.

NAIARA: Não me lembro como aluna de ter participado de um evento assim.

NATI: Pois é. Onze anos mais tarde, quando retornei como professora, o colégio continuava sem oferecer Educação Artística de

5ª a 8ª séries, mas esta constava da grade de 1ª a 4ª séries e do então chamado 2º grau, atual Ensino Médio. O segmento que parece ter nascido sem Educação Artística em seu currículo, permanecia sem ela nesta ocasião. O Desenho Geométrico continuava lá, no mesmo lugar, na 7ª e na 8ª série. A atividade artística coletiva extraclasse... tinha desaparecido.

THALITA: Nós tivemos Arte de 5ª a 8ª séries. Quando passou a ter?

NAIARA: Também fiquei curiosa pra saber!

NATI: No final de 1996, a partir de dados levantados na pesquisa que realizei para escrita de minha Monografia de Especialização⁷, e respaldadas pela iminente sanção da LDB 9394/96, eu e a outra professora de Artes do Colégio apresentamos ao Departamento um projeto de implementação da disciplina Artes no segundo segmento do Ensino Fundamental. Minha experiência em sala de aula enquanto professora do primeiro segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio simultaneamente, permitiu-me observar as diferenças de envolvimento e de interesse pela disciplina demonstrada pelos/as estudantes de cada um destes dois segmentos. Eu sentia a indiferença e o descompromisso dos/das estudantes do Curso Científico⁸ com a aula de Artes. Levantei a hipótese de que isto ocorreria exatamente pela interrupção do oferecimento desta

⁷ Monografia intitulada “Arte-Educação no Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII”, defendida em março de 1997, na Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro.

⁸ O Colégio oferecia também na ocasião o Curso Magistério, porém estes alunos e alunas não participaram da pesquisa. Decidi entrevistar somente o corpo discente do Curso Científico, onde na minha percepção o problema da minha pesquisa era mais evidente, e também pelo fato de a grande maioria dos alunos e alunas do Científico terem estudado no Colégio desde a primeira série, o que não ocorria entre os alunos e alunas do Curso Magistério.

disciplina durante o segundo segmento, hipótese que foi confirmada através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com a quase totalidade dos alunos e alunas do Curso Científico do Ensino Médio. Assim, em 1997, implementamos duas aulas de Educação Artística na 5ª série e, a partir de 1999, todo o segundo segmento (atualmente 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental) passou a ter aulas de Artes. Garantiu-se a partir daí a presença da disciplina Artes em todos os anos escolares, pois apesar de entendermos que pode-se conhecer arte e aprender sobre ela em inúmeros espaços formais e não formais, “é na escola que oferecemos a oportunidade para que crianças e jovens possam efetivamente vivenciar e entender o processo artístico e sua história em cursos especialmente destinados para estes estudos”. (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 19).

THALITA: E hoje, Nati? O que você acha do interesse dos alunos e alunas do Ensino Médio? Você acha que mudou?

NATI: Sou professora das nove turmas deste segmento. Vocês são minhas alunas... Hoje há uma relação muito mais consistente, muito mais íntima e mais produtiva dos alunos e alunas do Ensino Médio com Arte do que em meados dos anos 1990.

NAIARA: Como futura professora de Arte, seu trabalho me encanta e sua vontade por descobrir a origem dessa disciplina tão fundamental também me move!

Eu aluna, eu futura professora

NAIARA: Hoje, com 17 anos de idade, tenho me dado conta de como venho me constituindo como sujeito ao longo de meu percurso dentro do Colégio de Aplicação João XXIII, e do quanto a arte é um fator fundamental nesta constituição. Meu ingresso na instituição se deu em 2003, onde tive minha primeira aula de Artes. E continuei tendo aulas desta disciplina em todos os anos, até hoje, no meu último ano no Colégio. Participando da pesquisa tomei

conhecimento de que nem sempre foi assim, nem sempre todos os anos escolares tiveram aulas de Artes. Mas vi também que apesar disto a arte estava presente no cotidiano escolar.

Artes sempre foi minha maior paixão e fascínio, e Nati sabia disso. Por isto mesmo me convidou a participar da entrevista para seleção de bolsistas do Projeto PROBIC-Jr, com o objetivo de pesquisar a história do Ensino de Artes no nosso colégio. Entusiasmei-me com a possibilidade de verificar a fundo minhas bases. Terceiro ano do Ensino Médio, um pé na Faculdade... No início do ano ainda havia algumas dúvidas e dilemas quanto ao que cursar... Porém, ao desenvolver a pesquisa, os resquícios de dúvidas foram de vez eliminados e ser professora de Artes se tornou mais do que um sonho, um objetivo. Como aluna, tenho o Ensino de Artes como fator fundamental para minha formação, não só profissional ou acadêmica, mas também humana. E como futura professora, vejo que minha disciplina está ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento. Pretendo me utilizar dessa conquista e também contribuir para a valorização do Ensino de Artes como conhecimento e também como uma forma de humanização do espaço escolar.

Eu, aluna. Eu, futura investigadora

THALITA: Como aluna do colégio desde 2003 percebo que, apesar de 10 anos ser pouco tempo dentro do volume da História, neste período vi grandes transformações acontecerem no âmbito das Artes no Colégio João XXIII, no espaço físico, no número de professores e professoras... Fiquei interessada em conhecer um pouco da história do nosso Ensino de Artes, por isso, a convite da Naiara, participei da entrevista da seleção de bolsista do Projeto PROBIC-Jr que a Nati estava oferecendo.

Ao darmos partida na pesquisa documental, percebi que meu interesse estava além do objetivo principal, o Ensino de Artes, mas

também a possibilidade de ter contato com a história geral do Colégio me encheu os olhos.

Como futura estudante de Direito, vejo a importância da história documentada para a análise de fatos e da historicidade coletiva. Segundo Pierre Nora (1993) a memória arquivada é a memória social ou individual que é registrada. Este tipo de registro pode ser confundido com arquivo histórico. Os documentos encadernados da diretora Lucy Maria Brandão, que expõem, mesmo que indiretamente, sua perspectiva em relação à Arte, sugerem a participação da memória modificada nos arquivos dados como históricos.

Desenvolvendo o enredo

NAIARA: Aqui dentro do Arquivo, percebo que minhas expectativas eram as de um desinformado, acreditava que os documentos estariam todos aí, certos, e que iríamos apenas pegá-los e acharíamos a arte de cara, que tudo sempre foi assim...

NATI: Esse cheiro de guardado...

THALITA: Só o que percebo é que o tato é muito mais interessante que a teoria.

TODAS: O que observamos nos relatórios analisados foi uma presença permanente da arte na vida escolar. Em todos eles menciona-se um grande número de comemorações cívicas e religiosas, além de inaugurações de espaços e comemorações internas, onde atividades artísticas são desenvolvidas funcionando como cenário destes eventos. A presença de concursos artísticos é muito frequente em todos os anos de que constam os relatórios. Concursos de desenhos, maquetes, frases, slogans, poesias etc. Na maioria dos eventos a arte não aparece como tema central, mas é um elemento amplamente utilizado, em suas manifestações visuais (cartazes, faixas, decorações temáticas, exposições de desenhos e

pinturas), assim como na realização de espetáculos de teatro de atores e bonecos, e trabalhos literários. Citamos como exemplo o item 1 do Relatório de 1980, intitulado “Comemorações Cívicas” em que se lê o seguinte texto: “Todas as datas cívicas foram comemoradas dentro de cada sala, através de declamações, cantos, teatros, leituras, palestras, etc, como também em sessões cívicas solenes, [...]” ; e também o item 6 do Relatório do ano de 1982, intitulado “Comemoração Religiosa”. Nas fotos do anexo 11, referentes a este item, observa-se os tapetes de flores e serragem feitos em conjunto pelos corpos docente e discente do Colégio. Um passeio atento pelas coleções de fotos, que ao longo dos anos foram se colorindo, permite ver um sem número de trabalhos artísticos preenchendo a cena. Exceções ocorreram como a “Semana de Artes” e a “II Semana de Artes”, realizadas em 1979 e 1981, respectivamente. Neste momento a arte situou-se não como cenário, mas como texto e ação, e como protagonista. A arte falando dela mesma, comemorando a si própria. De qualquer forma, fosse qual fosse o tema em questão nos eventos do Colégio, a arte estava sempre presente.

NATI: Ao ir consultando os documentos, vou me esbarrando com minhas lembranças, reconhecendo lugares, pessoas, eventos, esquecimentos, posturas, gelos na barriga traduzidos em fotos em preto e branco. A história convidando a memória. Minha respiração torna-se mais profunda, quase ofegante. Sinto-me invadida pela atmosfera dos meus tempos de aluna, lembro-me do apelido “Joãozinho” dado ao nosso Colégio, recordo-me do “Amor à Camisa”, jargão outrora tão poderoso e tão incorporado por todos nós.

NAIARA: O cheiro do antigo impregna o ambiente e me proporciona uma sensação incrível. Começo a observar a evolução do pequeno “Joãozinho” que hoje já cresceu e é o nosso “João”, e me sinto inundada de orgulho!

TODAS: Este espírito de união, o “Amor à Camisa” está presente nos relatórios consultados. Um exemplo está no item 16 do relatório do ano de 1979, intitulado “Avaliação dos trabalhos, agradecimentos e sugestões”, o texto inicia com os seguintes dizeres: “Ao terminarmos nosso ano letivo de 1979, além da tranquilidade do dever cumprido, temos a satisfação de ver um trabalho realizado sem mérito pessoal, fruto do trabalho de uma equipe, que mais uma vez demonstrou sua competência, seu espírito de educadores e acima de tudo seu amor pelo Colégio de Aplicação [...]”

Mais viva se revela esta sensação da “Família do Joãozinho” nas inumeráveis circulares remetidas pela Direção, na pessoa da professora de História Lucy Maria Brandão, endereçadas aos pais, ao corpo docente, ao corpo discente e aos estagiários e estagiárias, conclamando todos à participação nos eventos e projetos do Colégio. Repletas de palavras carinhosas, as circulares delatam um tempo, um tempo que é/não é nosso, que atravessa a história de cada uma de nós. A circular número 06/78, de 29 de junho de 1978, endereçada aos professores e professoras do Colégio, inicia com o seguinte texto: “Caro amigo. Somos da teoria de que o bom viajor sabe que a Grande Caminhada é a vida e esta supõe Companheiros. E o “Joãozinho” é parte da nossa vida, e nos sentimos felizes em ter em cada um de vocês um desejável Companheiro.” Na circular número 14/80, de 4 de agosto de 1980, a Diretora recebe os alunos e alunas no retorno das férias de julho com os dizeres “Tudo faremos para proporcionar-lhe o melhor para o trabalho, mas esperamos também poder contar com: a sua boa vontade, seu entusiasmo, seu respeito e, acima de tudo, com seu amor pelo “nosso” Joãozinho.” Citações não eram raras quando se tratava de invocar o espírito de união. Exemplo emblemático se encontra na circular número 10/81, de 22 de maio de 1981, quando a Diretora convoca os professores e professoras do Colégio para participarem da organização da II Semana de Arte. O texto começa assim: “Caro amigo: Considerando que você é “meu

amigo de fé, meu irmão camarada. Amigo de tantos caminhos e tantas jornadas...” estamos aí para jogar juntos na “II Semana de Arte”, mineiramente uai.”

A pesquisa que estamos realizando é ainda incipiente, o que apresentamos são os primeiros resultados. Poucos dados foram coletados, mas nossos arquivos pessoais, nossas histórias e memórias que estão sendo agora ativadas e trazidas à luz, e nossas percepções sobre nós mesmas relacionadas ao Ensino de Arte do Colégio, ajudam a tirar as primeiras conclusões.

Caindo o pano

NATI: Juntando o material e o imaterial que esta pesquisa até agora me trouxe, respirando o cheiro de guardado dos belos livros de capa dura verde com letras em dourado, e percebendo a mudança no ritmo e no compasso da minha respiração enquanto realizo esta pesquisa, assumo que esta análise inicial dos relatórios de 1978 a 1984, período que coincide com a época em que estudei no Colégio, está sendo feita através das lentes de alguém saudoso e emocionado. A professora que necessitou dar um passo atrás para problematizar sua prática, inadvertidamente tropeçou nela mesma, trinta e poucos anos antes, aluna apaixonada, extremamente envolvida com as atividades artísticas, cem por cento do tempo vestida com a camisa do Colégio, não a de uniforme...

THALITA: Às vezes tenho a sensação de que eu e a Naiara também estamos tropeçando em você em sua época de aluna...

NAIARA: Eu me vejo como uma aluna da década de 1980!

THALITA: Existe alguma maneira de tocar na história do outro? Ao ter contato com o Arquivo e com as histórias despertadas na Nati enquanto lemos e vemos as fotos, comecei a me fazer essa pergunta. Esta pesquisa me faz enxergar de maneira mais crítica a evolução do “Joãozinho” e compreender melhor a importância e o

valor que a nossa instituição possui. Dentro dela a importância da arte. Sinto-me mais próxima da realização deste ideal, pois antes do início do projeto não me via muito interessada nas aulas de Artes, mas com o passar do tempo, mergulhando nesta oportunidade de me experimentar como pesquisadora, tenho me dedicado mais e me arrependo por não ter dado conta do tesouro que sempre tive nas mãos.

NAIARA: Já eu sempre amei Artes, e não consigo ver-me passando alguns anos sem aulas desta disciplina!

NATI: De fato, enquanto fui aluna do Joãozinho, eu nunca vi escrito no meu boletim “Educação Artística”. Com meus olhos de hoje, ou mesmo os de 1995, (quando tratei logo de me movimentar para implementar a Educação Artística de 5ª a 8ª séries) vejo isto como um absurdo, pois como professora de Artes, eu não posso admitir um ano escolar sem algum tipo de aula de Artes, quiçá um segmento inteiro. Eu professora que estou falando. Mas, ao relembrar as aulas do Pável e da Neusinha, experiências no campo da arte, e também rememorar quando o Colégio inteiro se juntava pra realizar várias atividades artísticas, percebo que a arte esteve profundamente presente na minha constituição/formação. Eu aluna percebo assim. Esta afirmação faz pensar na potência que a arte pode ter dentro de uma escola, independente de se ter ou não aulas desta disciplina constando na grade. Não se trata de desvalorizar toda a luta pelo reconhecimento da área de arte como área de conhecimento e consequentemente como disciplina curricular. Luta da qual sempre compartilhei, e que considero legítima e necessária. Mas estou falando de uma outra faceta, tão poderosa e tão profunda, que é seu potencial de atuar também de forma transversal dentro da Educação Escolar, além de ser um forte recurso pedagógico no estudo de outras disciplinas. Agora pressinto o papel exercido pela arte durante os primeiros anos da década de 1980. Não havia oficialmente aulas de Educação Artística na grade curricular de 5ª a 8ª séries, mas isto não

significou a inexistência da arte no cotidiano escolar dos alunos e alunas daquele segmento. A arte estava presente, e se dava transversalmente e absurdamente colada ao espírito de união em torno do “Joãozinho”. A realização coletiva de atividades artísticas nos eventos e projetos do Colégio foi sem dúvida um forte ingrediente que alimentou o nosso “Amor à camisa”.

Referências

AGENDA ESCOLAR do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, referente ao ano letivo de 2013. Juiz de Fora, 2013.

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores; tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, política**; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7 – 28, 1993.

PETERS, A.; BESLEY, T. **Por que Foucault?**: novas diretrizes para a pesquisa educacional; tradução Vinícius Figueira Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**; uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.